



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

RETEXTUALIZAÇÃO: A PESQUISA-AÇÃO COMO MÉTODO DE TRABALHO

Priscila Luísa Strenzel¹-UFSM

Vaima Regina Alves Motta²-UFSM

GE: Pesquisa e Educação Básica.

Resumo

Os estudos desenvolvidos em cursos de licenciaturas nem sempre aproximam as teorias à prática, deixando lacunas que apenas desvelam-se no momento em que o aluno, ou então já professor, é inserido na escola básica. Essas lacunas e a dissociação entre teoria e prática tornaram-se o norte para estabelecer a questão a ser pesquisada. Busca-se, com esse estudo, uma forma de trabalhar a formação do aluno produtor de textos e suas necessidades cotidianas relacionadas à linguagem por meio da retextualização de gêneros textuais, na tentativa de contribuir para avanços no ensino da Língua Portuguesa. Este estudo tem como principal objetivo contribuir para a formação de alunos produtores de textos, usando da retextualização de gêneros textuais para tornar possível agregar às aulas de Língua Portuguesa as três dimensões necessárias para um bom desempenho na produção textual em língua materna: leitura, produção e análise linguística. Acredita-se que a pesquisa-ação é a melhor metodologia a ser utilizada na realização desse estudo porque é justamente o que permite aos professores-pesquisadores utilizarem suas pesquisas para aprimorarem suas práticas. Dessa

¹ Agência financiadora: CAPES e e-mail: priscilastrenzel@hotmail.com.

² Orientadora desta pesquisa; e-mail: vaimamotta@gmail.com.

forma, a pesquisa-ação deve sempre estar presente na vida dos(as) docentes, é uma forma de reflexão e ação sobre a própria práxis, sistematizando o agir no campo da prática e a investigação a respeito dela. Como aporte teórico, recorreu-se à MARCUSCHI (2008) para os gêneros textuais, KOCH (1991) para a Linguística Textual, DELL'ISOLA (2007) para retextualização de gêneros textuais e TRIPP (2005) para a pesquisa-ação. A pesquisa encontra-se em fase de andamento.

Palavras-chave: Pesquisa-ação, Gêneros textuais, Retextualização.

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Os preocupantes números do nível da educação brasileira são motivos suficientes para chamar a atenção da sociedade como um todo e, especialmente, os professores em geral e, com mais ênfase, os docentes em formação. Atualmente, questionam-se as práticas educativas que, centradas apenas na forma/no conteúdo, deixam de abarcar o lado social da educação e do ensino.

Partindo desse pressuposto, qualquer ato pedagógico deve ser previamente planejado, pensado e baseado na ciência, fugindo da prática denominada por Freire de “educação bancária”. Contribuindo para que o/a educando/a passe de mero receptor a produtor/ator do conhecimento. É fundamental que se pense a prática pedagógica voltada para eles/as, criando um ambiente favorável para a construção de sujeitos críticos e autônomos, tirando de foco as práticas rígidas que se concentram apenas em conteúdos decoráveis como datas, regras gramaticais, estruturas etc. É necessário introduzir à prática pedagógica um ensino previamente pensado, baseado em etapas sequenciais que busquem à construção do conhecimento de forma interativa, incluindo o/a educando/a no processo de ensino e aprendizagem.

Restringindo o ensino à área das linguagens, mais especificamente a da Língua Portuguesa, faz-se necessário um estudo de estratégias didáticas que busquem a articulação do conhecimento científico ao uso cotidiano da linguagem nas mais diversas relações sociais, interagindo junto ao educando/a e tornando-o produtor do conhecimento. Dessa forma, torna-se necessário incluir no ensino da Língua Portuguesa os gêneros textuais, contextualizando sua esfera de circulação bem como a situação sociocomunicativa em que são utilizados.

Porém, essa reflexão acerca da prática docente é de extrema importância para que nós, professores, tenhamos o conhecimento da dimensão de nossos atos enquanto profissionais da educação, uma vez que o mundo circundante encontra-se em constante transformação. Para

que reflexão de fato aconteça é necessário posicionar-se enquanto professor-pesquisador, na busca do aprimoramento da própria práxis.

2 OS PORQUÊS DESSAS INDAGAÇÕES

Como já foi dito anteriormente, a pesquisa é um *continuum* na vida profissional de qualquer docente interessado e engajado na descoberta das potencialidades de sua prática, é uma profissão que impulsiona a busca pelo novo e pelo desenvolvimento de habilidades. Entretanto, esse profissional encontra-se, muitas vezes, como único orientador da própria pesquisa, na qual emergem dúvidas no momento de seu desenvolvimento e, principalmente, na avaliação da própria práxis, em que são constatados os pontos positivos e os negativos que, posteriormente, devem ser reelaborados.

A rigorosidade metódica postulada por Freire (2014) cabe não somente aos educandos, mas também aos professores, uma vez que *aprender a aprender* potencializa qualquer ser humano a chegar sozinho às fontes de conhecimento que estão disponíveis no âmbito social. Hodiernamente, devido ao bombardeio de informações e a universalização do acesso à internet, essas fontes são inúmeras, porém de questionável veracidade. Aqui, entra a autonomia e o senso crítico do docente para discernir o que será relevante para contribuir com seu método de trabalho, o que significa orientar a própria aprendizagem.

Além disso, é fundamental que os estudos desenvolvidos nas Universidades perpassem os muros acadêmicos e cheguem à comunidade, neste caso, às salas de aulas e às práticas dos professores, ultrapassando as barreiras existentes entre o dizer e o fazer. Dessa forma, infere-se que a pesquisa-ação é a melhor metodologia de envolver esses dois âmbitos.

3 FUNDAMENTANDO IDEIAS

Seguindo essa linha de pensamento, acredita-se ser importante introduzir a prática da retextualização de gêneros em sala de aula, uma vez que essa prática já está presente na vida diária de qualquer pessoa (DELL'ISOLA, 2007). Além disso, é uma forma de articular a leitura, a produção textual e a reflexão sobre essas produções para que os/as educandos desenvolvam mais do que seu desempenho linguístico, mas também a autocrítica.

Enfatiza-se, mais uma vez, a necessidade do desenvolvimento de práticas reflexivas advindas tanto do/ educador/a quanto do/a educando/a, perpassando pelo ensino da leitura e da escrita, utilizando-se de sequências didáticas que incentivem a formação de discentes

produtores/as de textos, buscando a investigação da questão do ensino da Língua Portuguesa através de pesquisa-ação.

Direcionando o que foi postulado até o momento ao ensino da Língua Portuguesa, percebe-se que, atualmente, mesmo com o avanço dos estudos relacionados aos gêneros textuais em sala de aula, as práticas não são incorporadas a essa metodologia. Trabalha-se com gênero textual, porém sem a exploração de suas dimensões comunicativas, usa-se com a finalidade de exploração estrutural ou formal, geralmente, para retirar e identificar classes gramaticais, observar a sintaxe etc. Dessa forma, perde-se a articulação entre o objeto de ensino e sua finalidade comunicativa.

As diferenças encontradas nos diversos ambientes sociais dos sujeitos, incluindo o doméstico, o escolar e outros que promovem a aprendizagem, devem ser considerados, pois são essas aprendizagens que ativarão os processos de desenvolvimento humano. Para Vygotsky (2007), o conhecimento é fruto das interações sociais. Assim, percebe-se a importância dos processos de aprendizagem que devem ser desenvolvidos com os educandos, sempre considerando o saber já adquirido no ambiente familiar e ampliá-lo em sala de aula. Este desenvolvimento depende muito da interação, já que

o aprendizado traz implícito o social através do qual imergimos na vida intelectual daqueles que nos cercam. Portanto, a aprendizagem é a responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o nível de resolução de uma tarefa que uma pessoa pode alcançar sozinha e o nível que pode alcançar com a ajuda de um colega mais competente ou mais experiente na tarefa. Ou seja, para Vygotsky, é o espaço no qual, graças a interação e ajuda dos outros, uma pessoa pode trabalhar e resolver uma questão problemática, que, sozinha, não seria capaz de efetuar. (GONÇALVES, 2011 p. 38-39).

Essa abordagem põe o educando como centro das atividades e das relações, ampliando seu espaço e participação nas dinâmicas relacionadas ao contexto escolar. Com o ensino da Língua Portuguesa da forma como está sendo concebido, espera-se que os educandos tornem-se aptos(as) a manejar e compreender as diferentes linguagens, aprimorando sua capacidade de expressão por meio da língua nas mais diversas situações de comunicação.

Dessa forma, percebe-se a importância do trabalho com gêneros textuais, pois partindo deles, em seus múltiplos contextos de uso, para a adaptação às mais diversas situações comunicativas cria-se situações concretas de uso da língua e dos mecanismos linguísticos que são estudados na disciplina. Assim, a cada ambiente, através de cada veículo de comunicação, para cada tipo de interlocutor, há uma expressão diferenciada que produz diversos gêneros.

Na atualidade, busca-se dissolver a ideia de que o gênero é vinculado somente à literatura e isso propicia o entendimento de que é multidisciplinar, uma vez que o

gênero textual refere os textos materializados em situações sociodiscursivas comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCHUSCHI, 2008 p.155).

Segundo Bakhtin (1982), três elementos caracterizam o gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. O estudo de um gênero em específico na escola contribui com a sedimentação desses conceitos a cerca dessa organização da fala e da escrita em virtude de uma finalidade.

Seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais de 2002, percebe-se o importante papel dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, fazendo com que, por meio deles, os alunos utilizem e reconheçam os mais diversos tipos de textos, tanto orais quanto escritos, trabalhando leitura, produção textual e análise linguística de forma conjunta e contextualizada. Uma das formas de ligar as orientações feitas por esses documentos e a urgente necessidade de se formarem leitores dentro da escola é unindo um gênero textual literário a outro gênero textual da vida cotidiana dos alunos.

Os estudos relacionados à Linguística do Texto ancoram muito bem a prática proposta por tomar “como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem” (KOCH, 1991 p. 14), e, além disso, constituir uma unidade semântica. Para tanto, enfatiza-se seus constituintes linguísticos na busca da percepção de que esses devem aparecer integrados, permitindo que seja percebido como um todo coeso.

Seguindo essa linha de pensamento, acredita-se ser importante introduzir a prática da retextualização de gêneros em sala de aula, uma vez que essa prática já está presente na vida diária de qualquer pessoa (DELL’ISOLA, 2007). Em vários momentos retextualizamos gêneros sem nem mesmo nos darmos conta disso: ao ouvirmos uma reportagem na televisão a contamos aos amigos e parentes por meio de um conversa informal. Esse processo de retextualização mostra-se como um excelente recurso para o trabalho com gêneros, pois por meio dele é possível que o educando reflita sobre as diversas funções da língua, pondo-se em uma situação de interação linguística real, tendo que adequar a língua e a linguagem ao gênero a ser produzido.

A prática de retextualização envolve muito mais do que a leitura e escrita, exige dos alunos-escretores que usem da modalidade escrita e/ou oral da língua perpassando por vários desafios, dentre eles cognitivos, linguísticos, interacionais e, até mesmo, sociais. Dell’Isola (2007) conceitua retextualização como “o processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem” (p. 10), dessa forma, leva-se a reflexão sobre a língua, a linguagem, o texto e os gêneros textuais como agentes sociais para dentro da sala de aula, evidenciando que toda a comunicação possui uma finalidade prática. Enfim, dá-se foco a promoção de condições favoráveis a um ensino que almeja a apropriação dos atuais estudos oriundos da Linguística Textual e da Teoria dos Gêneros Textuais para que se formem leitores e produtores críticos que atuem ativamente no ambiente social em que estão inseridos.

Para a efetivação dessa prática em Língua Portuguesa, considerando os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), necessita-se unir o trabalho em leitura, em produção textual e em análise linguística articulando-os em uma única sequência para que sejam compreendidos pelos alunos como uma unidade e não separadamente. De acordo com essa organização, ao ensinar a língua materna, o docente precisa empregar estratégias que interrelacionem práticas de leitura, produção textual, de forma escrita e oral, bem como os recursos linguísticos utilizados no desenvolvimento dos demais eixos. Para isso, uma metodologia que contemple todas essas habilidades se faz necessária.

4 PESQUISA-AÇÃO: POSSIBILIDADE INVESTIGATIVA PARA O APRIMORAMENTO DA PRAXIS

Como postulado anteriormente, acredita-se que a pesquisa-ação é a metodologia adequada a ser utilizada no âmbito educacional por apresentar-se como uma alternativa de reconstrução do significado do exercício de práticas docentes. Segundo TRIPP (2005, p. 445)

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

Essa forma de pesquisar pressupõe a concomitância de pesquisa e de ação, de pesquisadores e de quem ponha a pesquisa em prática, com a finalidade de transformar a realidade alvo do estudo. Dessa forma, a pesquisa-ação deve sempre estar presente na vida

dos(as) docentes, é uma forma de aprimoramento da práxis, sistematizando o agir no campo da prática e a investigação a respeito dela. À medida que se amplia a consciência sobre a própria prática, os reajustes de estratégias e/ou métodos usados no ensino tornam-se mais pertinentes. Pensa-se em um ciclo em que “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.” (TRIPP, 2005 p. 4). O ciclo torna-se interminável aos olhos daqueles que estão em constante busca pelo aprimoramento, age-se para implementar a melhora planejada descrevendo e monitorando os efeitos dessa ação para depois avaliar os resultados dessa ação, e, finalmente, planejar uma melhora da prática.

No caso da pesquisa-ação a metodologia de pesquisa deve ser

subserviente à prática de modo que não se decida deixar de tentar avaliar a mudança por não se dispor de uma boa medida ou dados básicos adequados. Antes, procura-se fazer julgamentos baseados na melhor evidência que se possa produzir. (TRIPP, 2005 p. 448).

Segundo Franco (2012), o ambiente escolar tem assumido um caráter previsível, linear e mecânico o qual não abre espaço para procedimentos investigativos por parte dos/as docentes, ainda mais quando levam-se em consideração as condições de trabalho nas quais estão submersos, sendo a principal delas a excessiva carga-horária que acaba não permitindo a reflexão inerente à pesquisa-ação, a qual impulsiona a modificação da prática. O contexto torna lícito ponderar que é em meio a essas dificuldades que deve-se ter coragem para iniciar um novo processo e introduzir à prática novas acepções.

A pesquisa-ação na área das linguagens deve direcionar a um processo significativo da aprendizagem, fazendo com que ações reflexas da análise da própria prática apontem para a solução dos percalços encontrados durante a socialização dos conteúdos trabalhados. Na maioria das vezes, essa metodologia parte da coleta de dados que serve, além de ponto de partida para a reflexão, como contextualização do ambiente no qual o/a educador/a está inserido/a ou será inserido/a.

É importante frisar que os resultados decorrentes de pesquisas-ação não servem como manuais nem como roteiros de reflexão a serem seguidos pelo professor. A cada educador/a cabe a reflexão acerca da reconstrução do significado do exercício de suas próprias práticas pedagógicas, levando em consideração o contexto sociocultural no qual sua clientela está inserida:

permitindo um esclarecimento das teorias implícitas na prática, ao mesmo tempo em que possibilitaria aos sujeitos da prática uma melhor apropriação crítica de algumas

teorias educacionais, o que poderia produzir a transformação de suas concepções sobre o fazer pedagógico e, em decorrência, produzir transformações em suas práticas. (FRANCO, 2012 p. 105).

Além disso, a reflexão acontece também durante a prática, e, devido a isso, não deve ser fixamente estruturada, sem brechas para a inclusão de novas estratégias. Nesse caso, se previamente fixada, a pesquisa-ação não se transformará em saberes da experiência porque não foi revisitada pela reflexão, uma vez que reformulação e a readaptação faz parte da jornada docente.

5 CONTRIBUIÇÕES ALMEJADAS

O presente estudo encontra-se em fase inicial, porém esse fato não impede que sejam projetadas algumas considerações acerca dos resultados esperados ao fim de seu desenvolvimento. O que foi postulado até o momento considera a prática interativa em sala de aula, os estudos relacionados aos gêneros textuais, a Linguística do Texto, a percepção das necessidades linguísticas dos/as educando/as relacionada ao processo de desenvolvimento de novas habilidades, envolvendo a retextualização e a pesquisa-ação.

Com isso, busca-se, além da qualificação do desempenho linguístico dos alunos, a revisão à prática docente, dando um novo olhar às potencialidades que uma atividade bem conduzida e desenvolvida na área das linguagens pode ocasionar nos educandos, impulsionando o desenvolvimento mútuo dos envolvidos no processo de aprendizagem. Portanto, toma-se o processo educacional como uma prática social e política capaz de modificar realidades.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p. 275-326.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FRANCO, M. A. S. Pesquisa-ação e prática docente: articulações possíveis. In: PIMENTA, S. G. FRANCO, M. A. S. (orgs). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2012

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Ed.49, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONÇALVES, A. V. **Gêneros textuais na escola**: da compreensão à produção. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2011.

KOCH. I. V. **A coesão textual**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

MARCHUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: 2008.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **Revista de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3. p. 443-466, set./dez., 2005.

VYGOSTKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.